

LIESV - Carnaval Virtual 2025 – GRESV Mocidade Unida da Mooca

Raimundo: O Mercador de Resenhas

Sinopse: Thiago Tartaro

O carnaval tem que ser tradicional e moderno ao mesmo tempo. Não esquecer do que já foi, mas não estancar sua evolução. E hoje eu vou contar pra vocês, meninos, como eu fui salvo pelo carnaval, como dei minhas contribuições para construir a cultura de São Paulo e o que acho dessa folia. Bora resenhar.

Todo mundo me pergunta se meu apelido, Mercadoria, nasceu porque eu fui lojista, mascate ou coisa que o valha, mas não veio disso não. Sou apelidado assim porque uma vez, já morando em São Paulo, fui um dia à escola e a professora me disse que eu parecia o Mercadoria, personagem interpretado por Noite Ilustrada em um filme de 1973 chamado “A Pequena Órfã”, filme este inspirado em novela do mesmo nome, que fora exibida alguns anos antes, na extinta TV Excelsior. O apelido pegou tanto, que já quis colocar até no RG, mas não deixaram. Fiquei assim mesmo, sendo Raimundo Pereira da Silva para a lei e Mercadoria para a cultura popular dessa selva de pedras.

Minha mãe Amélia fez epopeia pra me dar condições de vida. Veio de um Piauí pobre de dinheiro, mas rico em cultura. Pegou barco, pau de arara, trem e carona até chegar em São Paulo e trabalhar. Aqui, sentimos algo que não tínhamos nunca sentido por lá: frio. E nunca vimos antes tanto cinza e tanta garoa. Com muita luta, ela conseguiu me escolarizar, ora em seminários, ora em fundações bancadas pelos ricos da cidade. E foi no meio desse cinza frio que, em 1954, no quarto centenário de São Paulo, eu a vi no vale do Anhangabaú, alvirrubra, plena, aquela que viria a ser a razão de minha vida: a escola de samba. A neblina da memória não me deixa mais lembrar se era Lavapés ou Salgueiro, mas isso não importa.

Assim, me vi afrodiaspórico e na necessidade de manter a cultura de minha raiz. Entrei para o terreiro do Caboclo Tupinambá e me envolvi no samba, logo de cara ajudando a montagem de duas agremiações: Rosas Negras e Império do Cambuci. O que eu não sabia

montar era instrumento, fato pelo qual meus amigos tiram sarro de mim até hoje. Aprendi tudo na lida, no fazer do samba, tanto que mal aprendi e já estava ensinando. Para o carnaval de 1974 ensinei uma garota chamada Gilsa a rodar de Porta Bandeira, com direito a movimento de mão, graça, elegância horária e anti-horária. Não importa que fosse um homem ensinando uma mulher a ser Porta Bandeira. Não importa que não havia pavilhão e a aula se deu com cabo de vassoura. O que importa é que o curso virou amor. Importa também que aprendi a ser carnavalesco na raça. Saí atrás de costureira igual doido pra fazer batatas de uma das primeiras Comissões de Frente sem fraque do carnaval de São Paulo, além de ter catado muito bambu verde e amarelo no mato pra fazer alegoria de Palmares e assim retratar a paixão dos aquilombados João de Ogum e Jacinene de Xangô. Não sabia montar instrumento, montei. Não sabia rodar, rodei. Não sabia pensar desfile, pensei. Não sabia construir alegoria, construí. Não à toa, a maior instituição educacional do Brasil é a Escola de Samba.

Ao longo dos anos, os fazeres criaram fama e surgiu o Mercadório do Carnaval de São Paulo, ainda que sob críticas, como aquela da Folha de São Paulo em que me chamaram de “papagaio de carvoeiro”. Uma coisa que ajudei a consolidar nos cortejos: o fim do desfile em zigue-zague. Cortejo não é jogo de Atari, é cortejo e tem que descer reto. Contribuí, no elástico do tempo, com diversas escolas. Amazônia Mãe de X9, muitos desfiles de Vila Maria, em especial o do Japão de 2008, quando colocamos mais de quatro mil componentes a desfilar no Anhembi. Assessoriei a harmonia da nossa MUM em 2020, falando de Abdias do Nascimento. Grande orgulho que tenho: o trabalho pelo tricampeonato da Rosas de Ouro entre 1990 e 1992. O sabiá cantou trinar e subiu as alegorias, deixando-as altas, como eu sempre sugeri. Carnaval grande é coisa de minha cabeça.

E assim vim resenhando a vida. Ajudei a fundar a Liga, que hoje organiza o carnaval. Fiz samba de roda em pé de jaqueira. Mantive a tradição das baianas como pude. Tenho o orgulho de Gilsa e de passar a tradição do carnaval pra frente, com Adriana e Fuskão. Escola de samba é recontação da história do Brasil. A história do Brasil tem que deixar de ser coisa de acadêmico e virar resenha, deixar de ser coisa de escolarizado e passar a ser coisa de educados na Escola de e do Samba. E assim, meninos, termino. Querem tomar mais uma?